

# COMBART

**GUERRA, PAULA  
& CAMPOS, RICARDO**

(EDS.) (2025)

**:: ARTE, ARTIVISMO  
E CIDADANIA.  
REVOLUÇÕES,  
PROTESTOS  
E ATIVISMOS  
ESTÉTICO-POLÍTICOS**

:: ART, ARTIVISM  
AND CITIZENSHIP.  
REVOLUTIONS,  
PROTESTS AND  
AESTHETIC-POLITICAL  
ACTIVISM

**PORTO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO**  
FACULTY OF ARTS AND HUMANITIES OF THE UNIVERSITY OF PORTO

# COLOMBART

**Arte, ativismo  
e cidadania.**

**Revoluções.**

**Protestos.**

**Ativismos  
estético-políticos.**

**Paula Guerra**

**Ricardo Campos** [Eds.]

# ENTRE REVOLUÇÕES, PROTESTOS E A(R)TIVISMOS ESTÉTICO-POLÍTICOS

## BETWEEN REVOLUTIONS, PROTESTS AND AESTHETIC-POLITICAL A(R)TIVISMS

Paula Guerra, Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP), Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt

<https://doi.org/10.21747/978-989-9193-02-4/coma1>

O Congresso Internacional COMbART já deixou de ser um mero congresso de pendor académico, tendo-se o tornado numa espécie de celebração de contemporâneas e históricas formas de resistência, de criatividade e de exaltação do poder transformador das práticas artístico-ativistas. Num mundo marcado por desafios complexos e por diversas urgências sociais, a participação cidadã de artistas, académicos e demais agentes sociais e institucionais, torna-se essencial para imaginar e construir realidades mais justas e igualitárias. Assim, este congresso, na nossa opinião, e dada a sua amplitude nacional e internacional, convida-nos a refletir sobre o papel das ciências sociais e das práticas artísticas enquanto motores de mudança, confiando na sua capacidade de transformar os limites de ação possíveis (Serra *et al.*, 2017).

O século XXI tem assistido a turbulências várias e a um contínuo reaparecimento de revoluções de protestos conduzindo a mudanças sociais (Frederix, 2024). Podemos, desde logo, tomar como exemplo, a Primavera Árabe (Sadiki, 2014) que aconteceu no norte da África e no Oriente Médio, a partir de 2010. Estes movimentos lutaram por justiça, por

democracia, pelos direitos humanos, pela dignidade da vida e contra os abusos policiais e/ou (para)militares. No mesmo período também eclodiram vários protestos como consequência da crise financeira, principalmente nos países do sul da Europa. Noutros contextos, como o Brasil (Matos, 2017), Hong-Kong (Cheng, 2022), Quênia ou Senegal (Dieng, 2024), igualmente tem havido dinâmicas massivas de protesto, dirigidas ao poder. Concomitantemente, o período pós-pandêmico viu despoletar guerras em larga escala. O século XXI tem-se pautado, por uma constante insegurança global (Steele, 2012), no sentido em que vários têm sido os confrontos militares e políticos, desde a Ucrânia e a Rússia, passando pelos conflitos no Sudão, Israel e Palestina (Abu-Hamdi, 2024). Em simultâneo assistimos à ascensão dos populismos, dos discursos xenófobos e homofóbicos, empregues por uma extrema-direita que ameaça um conjunto de valores que julgávamos garantidos.

A mudança, a resistência e a oposição têm sido levadas a cabo, muitas vezes, por via da arte. Assistimos, no presente século, ao renascimento da arte política (Guerra, 2024). É cada vez mais comum o empenho dos artistas na defesa de ideologias políticas e na elaboração de práticas ativistas engajadas com diferentes movimentos sociais— tais como os movimentos de justiça climática, feministas, LGBTQIA+, antirracistas, entre outros. Esta noção de arte política dialoga com múltiplas práticas performáticas e performatividades relacionadas com o campo mais alargado da criação artística (Simões & Campos, 2016). Estes protestos estéticos e visuais, na verdade, demonstram o potencial transformador dos indivíduos enquanto agentes sociais, ou seja, evidenciam que qualquer indivíduo é capaz de realizar ações estético-políticas (Guerra, 2022; 2019). Historicamente, as artes têm-se associado a processos revolucionários de várias tipologias. Além da dimensão coletiva da revolução, também são de importante relevo os artistas que adotaram um posicionamento político e que retrataram a revolução e o protesto nas suas criações artísticas.

O artivismo, entendido no contexto deste congresso como a interseção entre aquelas que são as práticas artísticas e ativistas, transcende uma definição simplista de criação estética, configurando-se antes como uma linguagem visual, sonora, escrita e falada que emerge para questionar aquelas que são as estruturas de poder (Guerra, 2023), bem como se afirma na proposta de novas formas de relacionamento dos indivíduos com o mundo da vida. Como nos lembra Rancière (2008), a arte possui a capacidade de tratar e de comunicar o

sensível, rompendo com narrativas hegemônicas, ao passo que permite que novas vozes sejam ouvidas e que se afirmem na arena das lutas sociais, como vistas e enunciadas acima. Este processo de subversão estética e política revela, de forma taxativa, o ativismo como uma prática que se encontra profundamente enraizada na luta por uma (utópica) justiça social e pela democratização do espaço público; um tema tanto mais premente na atualidade com os crescentes movimentos e fluxos migratórios forçados e voluntários.

Desta feita, acreditamos que a participação em iniciativas como o COMbART, reflete um compromisso social, através do qual as diferenças são valorizadas e os desafios são enfrentados coletivamente. A reflexão proposta neste congresso convidou não apenas à análise, mas à atuação direta. Para autores como Bourdieu (1996), podemos referir que a produção cultural está intrinsecamente ligada às múltiplas dinâmicas de poder, sendo que as ciências sociais são fundamentais para que possamos compreender e desafiar essas relações. Apesar de ainda ser um campo em desenvolvimento, na medida em que as ciências sociais são, na atualidade, ainda desvalorizadas pela sua capacidade de produção de conhecimento político, social e cultural, no contexto do ativismo, podemos asseverar que as ciências sociais permitem desenvolver ferramentas cruciais para desvendar as estruturas invisíveis que moldam a sociedade e identificar as fissuras onde a resistência pode emergir.

Em suma, a contemporaneidade trouxe (e traz) consigo um campo de tensões único, no qual as plataformas digitais desempenham um papel paradoxal, dado que, por um lado, elas ampliam o alcance das vozes dissidentes, mas por outro, também reproduzem desigualdades e criam bolhas informacionais. Lembremo-nos que Castells (2014) destacou que as redes digitais ao mesmo tempo que reconfiguram o poder, abrem espaço para a emergência de movimentos sociais horizontais e descentralizados.

Este Livro – o primeiro a ser produzido a partir das participações e contributos de conferencistas - reflete a diversidade de ideias e de perspectivas compartilhadas durante o V Congresso Internacional COMbART. Cada autor/a, na nossa ótica, contribuiu com análises e reflexões que ampliam o nosso entendimento sobre o papel do ativismo na sociedade contemporânea. Começando por Julio Alvarenga, Frederico Lima e Paula Guerra que analisaram as representações de erotismo e a censura nas capas de pornochanchadas brasileiras, explorando, assim, aquelas que são as tensões culturais e políticas em tempos

de repressão política e social. Além deles, Daniele Filgueiras Alves, propôs uma investigação sobre as maternidades de mulheres racializadas em contextos de internamento psiquiátrico, destacando, dessa forma, o poder das dinâmicas de gênero, desenvolveu conceitos como o de racialização e ainda aborda o tema da exclusão social. Alice Duarte e Cláudia Oliveira, no seu contributo, discutiram o projeto Skeleton Sea, evidenciando os modos como a arte-ativismo pode mobilizar comunidades para combater a poluição marítima e repensar relações com o meio ambiente.

Numa lógica temática distinta, Pedro Pio Fontineles presenteia-nos com um estudo onde compreende as (re)representações histórico-ficcionais da história da Batalha do Jenipapo, ocorrida na vila de Campo Maior-PI, em 13 de março de 1823, em prol da independência do Brasil, problematizando questões de fronteiras entre a história, a literatura e a ficção. Pegando nesta perspectiva histórica, discorreremos aqui sobre a apresentação dos contributos de Carlos Mota, Cláudia Fontineles e Paula Guerra, que estudaram a trajetória do jornal O Gramma, enfatizando que o mesmo carregava mensagens sobre a importância de ver, ouvir e curtir como forma de encarar as dificuldades dessa época, marcada pela Ditadura Militar no Brasil.

Destacamos ainda Danielle Lacerda da Gama que se debruça sobre cortejos de fanfarras formados por mulheres, sendo que a autora analisa as suas performances cénicas e musicais, em especial na Quarta-Feira de Cinzas, questionando aquelas que são as normas de gênero e os modos como o corpo da mulher pode ou deve estar no espaço público. Paralelamente, Laís Rabello de Andrade apresenta uma análise da 5ª Bienal de Kiev (2024), que ocorreu em várias cidades europeias entre o outono de 2023 e fevereiro de 2024. O seu foco é a exposição principal, que aconteceu no Ausgarten Contemporary (Viena), e o núcleo cultural Never at Home (Viena). Por fim, temos o trabalho de Daiane Rufino, Edwar Castelo Branco e Paula Guerra que nos oferecem uma leitura sobre o Tropicalismo, mais concretamente sobre a transnacionalidade da cultura latino-americana, através da obra torquateana, e a sua parceria com o também poeta e letrista tropicalista, José Carlos Capinam.

## Referências Bibliográficas

- Abu-Hamdi, E. (2024). Forms of Protest: Political Art in the Digital and Urban Realm. *International Journal of Islamic Architecture*, 13(1), 23-37.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte*. Companhia das Letras.
- Castells, M. (2014). The impact of the internet on society: a global perspective. *Article from the book Change*, 19, 127-148.
- Cheng, S. (2022). Feeding hungry ghosts: Grief, gender, and protest in Hong Kong. *Critical Asian Studies*, 54(3), 327-347.
- Dieng, R. S. (2024). From Yewwu Yewwi to# FreeSenegal: Class, gender and generational dynamics of radical feminist activism in Senegal. *Politics & Gender*, 20(2), 478-484.
- Frederix, L. (2024). Mapping Beirut's landscapes of contestation: uprisings and artistic practice. *International Journal of Cartography*, 1-6.
- Guerra, P. (2024). Quebrar o silêncio. Reinventar o lugar. As cidades musicais ao som do brega. *Revista Farol*, 19(28), 138-152.
- Guerra, P. (2023). Underground Artistic-Creative Scenes Between Utopias and Artivisms. *Journal of Cultural Analysis and Social Change*, 8(2), 10.
- Guerra, P. (2022). Barulho! Vamos deixar cantar o Fado Bicha. Cidadania, resistência e política na música popular contemporânea. *Revista de Antropologia*, 65(2), e197977.
- Guerra, P. (2019). Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. *Horizontes Antropológicos*, 25, 19-49.
- Matos, C. (2017). New Brazilian feminisms and online networks: Cyberfeminism, protest and the female 'Arab Spring'. *International Sociology*, 32(3), 417-434.
- Rancière, J. (2008). *Le spectateur émancipé*. La Fabrique Éditions.

Sadiki, L. (2014). *Routledge handbook of the Arab spring*. Taylor & Francis.

Simões, J. A., & Campos, R. (2016). Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 13(38), 130.

Serra, V., Enríquez, M. E., & Johnson, R. (2017). Envisioning change through art: Funding feminist activists for social change. *Development*, 60(1), 108-113.

Steele, B. J. (2012). *Defacing power: The aesthetics of insecurity in global politics*. University of Michigan Press.